MODERNOS & CONTEMPORÂNEOS

Revista de Filosofia do IFCH da Universidade Estadual de Campinas, v. 9, n. 22., jul./dez., 2025.

O sonhário e a história viva dos sonhos: para uma psicanálise em chave crítica e histórica

The Dreamery and the Living History of Dreams: Towards a Psychoanalysis in Critical and Historical Key

Francisco Capoulade[1]

Resumo: Este artigo apresenta o ensaio "No sonhário dos sonhadores: por uma história conceitual dos sonhos e do aparelho psíquico" de Pierre-Henri Castel, contextualizando seu projeto intelectual e analisando as principais teses defendidas. O objetivo é discutir os desafios de sua tradução para o português brasileiro e explorar a relevância da abordagem histórico-crítica de Castel para os debates contemporâneos da psicanálise, especialmente no que tange à teoria dos sonhos e à prática clínica no Brasil. O trabalho examina como Castel propõe uma genealogia crítica das teorias psicanalíticas do sonho, desde Freud até autores contemporâneos, questionando tanto ortodoxias estabelecidas quanto ecletismos teóricos. A análise destaca a originalidade do neologismo "sonhário" como conceito que articula dimensões individuais e coletivas da experiência onírica, bem como as contribuições desta perspectiva para o campo psicanalítico brasileiro.

Palavras-chave: Pierre-Henri Castel; Psicanálise; Sonho; História Conceitual; Epistemologia Psicanalítica.

Abstract: This article presents the essay "In the dreamers" dreamery: towards a conceptual history of dreams and the psychic apparatus" by Pierre-Henri Castel, contextualizing his intellectual project and analyzing the main theses defended. The objective is to discuss the challenges of its translation into Brazilian Portuguese and explore the relevance of Castel's historical-critical approach to contemporary psychoanalytic debates, especially regarding dream theory and clinical practice in Brazil. The work examines how Castel proposes a critical genealogy of psychoanalytic theories of dreams, from Freud to contemporary authors, questioning both established orthodoxies and theoretical eclecticisms. The analysis highlights the originality of the neologism "dreamery" as a concept that articulates individual and collective dimensions of oneiric experience, as well as the contributions of this perspective to the Brazilian psychoanalytic field.

Keywords: Pierre-Henri Castel; Psychoanalysis; Dream; Conceptual History; Psychoanalytic Epistemology.

1 Doutor em Psicologia Universidade Federal de São Carlos e em Psychopathologie et Psychanalyse na Université Sorbonne Paris Cité (Paris-Diderot). Orcid: https://orcid.org/0000-0001-6263-0161. Email: franciscocapoulade@homail.com

Apresentação

O texto que ora se apresenta ao público brasileiro – No sonhário dos sonhadores: por uma história conceitual dos sonhos e do aparelho psíquico – é um ensaio denso e original de Pierre-Henri Castel, fruto de suas investigações historiográficas e clínicas a respeito da constituição da teoria psicanalítica dos sonhos e daquilo que se convencionou chamar de "aparelho psíquico". Longe de propor uma leitura canônica da *Traumdeutung* (A interpretação dos sonhos, 1900), Castel oferece aqui uma reflexão sobre o destino do sonho na psicanálise, numa chave histórica, epistemológica e crítica que se revela particularmente pertinente para os debates contemporâneos sobre os fundamentos da teoria e da prática psicanalíticas.

O autor e seu projeto intelectual

Pierre-Henri Castel é psicanalista e filósofo, diretor de pesquisas no Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS) e membro do LIER-FYT (EHESS, Paris). Sua formação singular cruza filosofia, psicologia e clínica psicanalítica, conferindo a seu trabalho uma perspectiva interdisciplinar rara no panorama intelectual contemporâneo. É autor de obras importantes no debate entre saberes psi, epistemologia e clínica, como *À quoi résiste la psychanalyse?* (2006), *Le Mal qui vient* (2018) e *Mais pourquoi psychanalyser les enfants?* (2021) – nenhum desses textos ainda traduzidos para nossa língua.[2] Sua escrita se caracteriza por uma abordagem rigorosa e crítica, que articula história conceitual, filosofia da mente e análise das formas modernas de sofrimento psíquico.

No ensaio em que segue a essa breve apresentação, Castel se dedicou a repensar a função do sonho na constituição do sujeito, desenvolvendo uma perspectiva que questiona tanto as ortodoxias estabelecidas quanto os ecletismos teóricos contemporâneos. Seu trabalho se inscreve na tradição francesa de epistemologia histórica, mas com uma originalidade que o distingue: a articulação sistemática entre análise conceitual e reflexão sobre as condições sociais e institucionais de produção do conhecimento psicanalítico.

O seminário como laboratório de ideias

O texto aqui traduzido está diretamente vinculado ao seminário ministrado por Castel em 2024-2025 no EHESS, intitulado: *Preliminares para uma leitura da Traumdeutung de Freud*: uma filosofia do espírito inconsciente, uma nova forma de reflexividade social sobre o indivíduo moderno.[3] Nesse seminário, em especial ao longo de suas quatro primeiras sessões, Castel propõe uma releitura crítica e social da obra freudiana *A interpretação dos sonhos*, a partir da qual a própria ideia de "sonhar" ganha nova estatura teórica.

2 Na ordem da apresentação em tradução livre: A que resiste a psicanálise?; O Mal que Vem; e Mas por que psicanalisar as crianças?.

3 O conteúdo completo desse seminário pode ser encontrado no site do próprio autor: http://pierrehenri.castel.free.fr/.

O projeto é ambicioso: tratar a *Traumdeutung* como um texto de filosofia da mente, inserindo-a na tradição moderna dos tratados do entendimento humano que vai de Locke e Leibniz até os debates contemporâneos sobre consciência e representação. Mas, ao mesmo tempo, Castel desenvolve uma crítica ao paradigma naturalista dominante na filosofia da mente atual, mostrando como a abordagem freudiana oferece recursos conceituais únicos para pensar a articulação entre representação, ação e linguagem – trabalho que dialoga e ressoa com a produção intelectual de Richard Simanke, em especial nos artigos *Realismo e anti-realismo na interpretação da metapsicologia freudiana* (2010) e *Nem filósofo, nem antifilósofo*: notas sobre o papel das referências filosóficas na construção da psicanálise lacaniana (2006).

Ao longo do seminário, Castel desenvolve uma análise histórica que mostra como a teoria psicanalítica do sonho evoluiu em paralelo com a formação social do movimento psicanalítico. Inspirando-se no trabalho fundamental e incontornável de Lydia Marinelli e Andreas Mayer, *Rever avec Freud* (2009) – que infelizmente ainda não tem tradução para o português brasileiro –, ele examina as sucessivas edições da *Traumdeutung*, mostrando como o livro fundacional de Freud foi sendo reconfigurado editorialmente, ganhando camadas que refletem o próprio processo de institucionalização do movimento psicanalítico.

Essa análise revela uma transformação crucial: o sonho deixa de ser apenas um campo de investigação empírica e torna-se ícone normativo, símbolo da ortodoxia e instrumento de canonização teórica. A *Traumdeutung* de 1900, que se apresentava como um manual de auto-análise baseado na associação livre aplicada aos sonhos, transforma-se gradualmente em texto canônico de uma doutrina estabelecida. O processo de expurgação das contribuições coletivas – especialmente as de Otto Rank sobre o simbolismo – e a exclusão definitiva das teorias jungianas marcam a fixação de um cânone ortodoxo que será defendido, após a morte de Freud, principalmente por Anna Freud.

A história conceitual do sonho: uma genealogia crítica

É justamente contra essa cristalização que Castel propõe sua abordagem de história conceitual – isto é, uma genealogia das figuras e funções que o sonho encarnou na psicanálise. Seu objetivo é desnaturalizar tanto a concepção freudiana inaugural quanto sua cristalização posterior em doutrina, mostrando como ambas respondem a condições históricas específicas e a necessidades teóricas e institucionais particulares.

O autor percorre um arco conceitual que vai de Freud e Ferenczi até autores contemporâneos como Bion, Meltzer, Ogden, Bollas e Antonino Ferro, reconstruindo uma tradição clínica que desloca o sonho da função representacional para uma função traumatolítica e transformacional. Nessa perspectiva, o sonho deixa

de ser apenas o "guardião do sono" (Freud) e passa a ser pensado como aquilo que permite ao sujeito sobreviver a uma experiência traumática, ou mesmo constituir-se como sujeito – uma hipótese que encontra ecos nas noções de *rêverie*, contenção psíquica e sonho a dois (Two-Body Psychology).

Esse percurso o afasta de uma leitura estritamente lacaniana, ainda que Castel reconheça a força teórica daquilo que ele denomina "formalismo lacaniano" – expressão que não deve ser confundida com o lacanismo enquanto movimento, mas que se refere criticamente a uma tendência específica, na recepção das ideias lacanianas, que privilegia a análise formal dos processos significantes em um possível detrimento da experiência vivida e da dimensão corporal do sujeito. Contra essa abordagem que tende a dissolver o sonho na cadeia significante, reduzindo sua complexidade experiencial a operações estruturais, Castel advoga por uma revalorização do corpo, da transferência e da experiência onírica como acontecimentos vividos, buscando reintroduzir o tempo, o luto, o corpo e o trauma no centro da reflexão sobre o sonho – dimensões que uma certa leitura estruturalista tende a eclipsar. Essa posição não implica uma rejeição total do ensino lacaniano, mas sim uma crítica a certas interpretações que empobrecem a riqueza clínica dos fenômenos oníricos ao submetê-los exclusivamente ao registro simbólico, propondo uma via alternativa que preserve tanto o rigor conceitual quanto a densidade experiencial dos sonhos, articulando estrutura e vivência sem reduzi-las uma à outra.

O neologismo "sonhário": uma aposta tradutória

Uma das contribuições mais originais do texto de Castel é a proposição do neologismo rêvoir – que optamos por traduzir como "sonhário", recuperando sua ambiguidade entre função, espaço e ato. O termo original, retomado por Castel a partir de uma forma arcaica presente na obra de Rabelais, carrega uma sonoridade próxima do verbo *rêver* (sonhar), mas difere dele tanto na forma quanto no uso. Para manter essa ambivalência em português brasileiro, propomos "sonhário", um neologismo que remete, por analogia com vocábulos como "sonho" e "cenário", a um espaço psíquico onde se elaboram, circulam e se transformam os sonhos – não como repositório fixo, mas como campo ativo de experiências e metáforas.

O sonhário não é, portanto, apenas o lugar onde se sonha, mas o espaço simbólico e histórico que torna possível sonhar-se. Essa distinção é crucial para compreender o projeto de Castel: não se trata de propor uma nova teoria do sonho, mas de pensar as condições de possibilidade históricas e conceituais que permitem que diferentes teorias do sonho emerjam, se desenvolvam e se transformem. O sonhário é, nesse sentido, tanto o aparelho psíquico individual quanto o aparelho conceitual coletivo que sustenta a reflexão psicanalítica sobre o sonho.

Essa perspectiva permite a Castel desenvolver uma crítica original tanto da ortodoxia freudiana quanto dos desenvolvimentos pós-freudianos. Ao mostrar como cada configuração teórica do sonho corresponde a uma configuração específica

do sonhário – isto é, do espaço psíquico e social onde os sonhos são produzidos, relatados e interpretados –, ele oferece instrumentos para pensar as transformações contemporâneas da clínica psicanalítica sem cair nem no dogmatismo nem no relativismo absurdo.

Questões e limites da proposta

Essa abordagem oferece contribuições valiosas para repensar a teoria psicanalítica do sonho, mas também levanta alguns questionamentos. Sua ênfase na dimensão histórico-social da construção teórica, ainda que esclarecedora, pode relativizar, em certa medida, a especificidade clínica dos sonhos, ao tratá-los como simples epifenômenos de configurações institucionais e discursivas. Do mesmo modo, a crítica à "cristalização doutrinária" da psicanálise, por mais pertinente que seja, pode parecer subestimar o papel da estabilização conceitual na transmissão e no desenvolvimento de qualquer disciplina científica. Além disso, o neologismo "sonhário", apesar de sua força evocativa, ainda carece de um desenvolvimento teórico mais preciso – o que é compreensível em uma proposta inicial, mas que merece ser observado.

Por último, a preferência declarada por uma abordagem "corporal" e "experiencial", em detrimento de um "formalismo lacaniano" – claramente influenciada pelo trabalho de André Green sobre o afeto e a pulsão de morte – pode ser entendida como uma falsa oposição, na medida em que desconsidera as tentativas contemporâneas de articular estrutura e experiência dentro do próprio campo lacaniano. Autores como Colette Soler, em seus estudos sobre o afeto no ensino de Lacan, e Jacques-Alain Miller, em suas elaborações sobre o "último ensino" e a questão do real do corpo, mostram que a psicanálise lacaniana tem desenvolvido recursos conceituais para pensar a articulação entre significante e afeto, linguagem e experiência corporal – ainda que esses recursos possam não ser plenamente satisfatórios. Essas questões, no entanto, não invalidam o projeto de Castel, pelo contrário, convidam o leitor a uma recepção crítica, que dialogue com suas proposições sem aderir a elas de forma acrítica.

Desafios e escolhas da tradução

A tradução deste ensaio para o português brasileiro apresentou desafios particulares, que vão além das questões técnicas usuais. A terminologia psicanalítica possui nuances distintas nas tradições francesa e brasileira, exigindo escolhas cuidadosas que preservem tanto a precisão conceitual quanto a fluidez da leitura. O estilo acadêmico francês, com suas longas construções sintáticas e múltiplas camadas de referências, demandou um equilíbrio constante entre fidelidade ao original e adaptação às expectativas do leitor brasileiro.

O trabalho de tradução aqui empreendido buscou não apenas transpor conteúdos, mas também encontrar as equivalências estruturais entre dois sistemas

linguísticos igualmente capazes de sustentar o pensamento teórico complexo. O desafio consistiu em identificar, para cada construção francesa, não sua versão "simplificada" em português, mas sua forma correspondente dentro da lógica própria da língua portuguesa brasileira. Esse processo exigiu, por vezes, a reorganização completa de períodos e a redistribuição de ênfases.

Assim, optamos por preservar a densidade conceitual característica do texto, evitando simplificações excessivas, mas buscando sempre a clareza necessária para o público acadêmico brasileiro. As notas explicativas foram ampliadas para contextualizar conceitos específicos e referências que poderiam não ser imediatamente acessíveis, transformando a tradução em um verdadeiro trabalho de mediação cultural entre as tradições psicanalíticas francesa e brasileira.

A contribuição dos colegas Caio Padovan, Eduardo Sande, Carolina Manente e Suzane Costa, do grupo de pesquisa História e Epistemologia do Instituto de Pesquisa e Estudos em Psicanálise nos Espaços Públicos (IPEP), assim como de Ricardo Paiva (EHESS) e Lauro Baldini (IEL/Unicamp), foi fundamental para o aprimoramento do texto, tanto em seus aspectos técnicos quanto conceituais. Seus comentários tornaram possível uma tradução fluente para a nossa língua, sem prejuízo do rigor presente no texto original.

Relevância para o contexto contemporâneo

A proposta de Castel se revela especialmente instigante para o leitor contemporâneo que, por vezes, encontra-se preso entre uma ortodoxia clínica desatualizada e um ecletismo teórico pouco criterioso. Em um momento em que a psicanálise enfrenta questionamentos tanto internos quanto externos – desde as críticas das neurociências até os desafios colocados pelas novas formas de sofrimento psíquico –, o trabalho de Castel oferece uma via crítica que é também uma via de escuta: a escuta dos sonhos, da história e da linguagem em suas múltiplas camadas.

Sua reflexão sobre a transmissão do saber psicanalítico em tempos de crise – desenvolvida em seu seminário a partir de uma meditação sobre o conceito freudiano de *Schreck* (traduzido como *effroi* em francês e "susto traumático" ou "choque" em português brasileiro) aplicado ao contexto geopolítico atual – ressoa de modo particular no Brasil, onde a psicanálise se constituiu em condições históricas específicas, marcadas por rupturas políticas e transformações sociais profundas. A questão de como formar comunidades intelectuais capazes de sustentar a transmissão de um saber complexo em cenários de instabilidade política e social é, sem dúvida, uma preocupação que atravessa fronteiras nacionais.

Além das críticas internas à psicanálise – como a cristalização doutrinária ou a abstração excessiva de certas leituras –, é importante reconhecer também as críticas externas que têm sido dirigidas à disciplina por movimentos feministas, negros, decoloniais e pós-coloniais. Esses movimentos vêm questionando os pressupostos

universalistas da teoria psicanalítica e apontando para a forma como ela pode reproduzir invisibilizações de gênero, raça e classe. Embora o texto de Castel não dialogue diretamente com essas abordagens, sua proposta de uma história conceitual crítica e situada oferece instrumentos que podem ser apropriados nesse sentido, contribuindo para uma abertura da psicanálise a outras experiências históricas e subjetivas.

Contribuição para o campo psicanalítico brasileiro

Por diversas razões podemos entender que esta tradução contribui para o campo psicanalítico brasileiro. Em primeiro lugar, amplia o acesso a um texto importante da epistemologia psicanalítica francesa contemporânea, oferecendo aos leitores brasileiros a oportunidade de conhecer uma perspectiva original sobre questões fundamentais da teoria e da prática psicanalíticas. Em segundo lugar, apresenta uma abordagem metodológica – a história conceitual – que pode inspirar pesquisas similares sobre o desenvolvimento da psicanálise no Brasil, contribuindo para uma compreensão mais nuançada de nossa própria tradição psicanalítica.

Além disso, o texto oferece ferramentas conceituais para pensar a história da psicanálise não como desenvolvimento linear, mas como campo de tensões e transformações, perspectiva que pode enriquecer os debates sobre as diferentes correntes psicanalíticas presentes no Brasil e suas relações com as tradições internacionais. A crítica de Castel à cristalização doutrinária e sua valorização da dimensão experimental e exploratória da psicanálise podem contribuir para renovar discussões sobre formação analítica, transmissão e inovação teórica.

Assim, a reflexão sobre o sonho como função traumatolítica e transformacional dialoga produtivamente com desenvolvimentos contemporâneos da clínica psicanalítica brasileira, especialmente no trabalho com pacientes graves e situações traumáticas. A perspectiva de Castel sobre o sonhário como espaço intersubjetivo de elaboração psíquica oferece recursos conceituais para pensar questões clínicas contemporâneas, desde o trabalho com estados-limite até as novas modalidades de sofrimento psíquico que emergem em nossa época.

A articulação entre as propostas de Castel e os desenvolvimentos recentes da clínica psicanalítica brasileira no trabalho com sonhos sugere possibilidades frutíferas de diálogo entre a epistemologia histórica francesa e as práticas clínicas locais. Destacam-se, nesse sentido, o trabalho de Jaquelina Imbrizi (UNIFESP) com a "Roda de Conversa sobre Sonhos", dispositivo grupal criado em 2020 durante a pandemia que articula a dimensão individual do sonho com sua potência coletiva de elaboração, e os estudos de Paulo Endo (USP) sobre a elaboração onírica em contextos de violência política e trauma social – dos campos de concentração à ditadura civil-militar brasileira. Seu conceito de "inventário de sonhos" ressoa com a proposta de Castel sobre o sonhário como arquivo histórico, reconhecendo os sonhos

como documentos de época. Essa convergência aponta para uma abordagem dos sonhos que é, ao mesmo tempo, rigorosa conceitualmente e sensível às demandas sociais e políticas contemporâneas.

Um convite à leitura

Esta tradução representa um esforço de mediação cultural entre tradições psicanalíticas distintas, colocando em diálogo a epistemologia histórica francesa com o contexto brasileiro. Ao disponibilizar o trabalho de Castel em português brasileiro, esperamos contribuir para o enriquecimento dos debates sobre os fundamentos da psicanálise e estimular novas pesquisas sobre a história conceitual de nossa disciplina. O texto oferece instrumentos teóricos que podem ser apropriados criticamente pelos leitores brasileiros, seja para repensar questões clínicas contemporâneas, seja para desenvolver investigações históricas sobre a constituição da psicanálise no Brasil.

Mais do que apresentar respostas definitivas, o texto de Castel nos convida a formular novas perguntas sobre o papel do sonho na teoria e na prática psicanalíticas. Em um momento histórico marcado por crises múltiplas – sanitária, política, social, ambiental –, a reflexão sobre os sonhos como dispositivos de elaboração e resistência adquire uma urgência particular. Os sonhos, como nos lembram tanto Castel quanto os pesquisadores brasileiros aqui mencionados, não são apenas objetos de interpretação, mas também instrumentos de transformação, recursos para imaginar e construir futuros possíveis.

A leitura deste ensaio, portanto, não deve ser compreendida apenas como um exercício acadêmico, mas como um convite à experimentação clínica e teórica. As questões levantadas por Castel sobre a historicidade dos conceitos psicanalíticos, a crítica às ortodoxias estabelecidas e a valorização da dimensão experiencial dos sonhos encontram no contexto brasileiro um terreno fértil para desenvolvimentos originais. Esperamos que esta tradução possa contribuir para esse processo de criação e renovação, oferecendo aos leitores brasileiros não apenas acesso a um pensamento estrangeiro, mas também instrumentos para pensar nossa própria tradição psicanalítica de forma crítica e criativa.

Referências bibliográficas

CASTEL, P.-H. (2006). *À quoi résiste la psychanalyse*? Paris: PUF.

_____. (2018). *Le Mal qui vient*. Paris: Ithaque.

_____. (2021). *Mais pourquoi psychanalyser les enfants*? Paris: Ithaque.

_____. (2025). "Des rêveurs en leur 'rêvoir': pour une histoire conceptuelle des rêves et de l'appareil psychique". In: *Analysis*, v. 9, n. 1. DOI: https://doi.org/10.1016/j.inan.2025.100506

_____. (2025). *Preliminares para uma leitura da Traumdeutung de Freud*: uma filosofia do espírito inconsciente, uma nova forma de reflexividade social sobre o indivíduo moderno. Seminário EHESS, 2024-2025. Disponível em: http://pierrehenri.castel.free.fr/.

FREUD, S. (2001). *A interpretação dos sonhos* (1900). Rio de Janeiro: Imago.

MARINELLI, L.; MAYER, A. (2009). *Rever avec Freud*. Paris: Aubier.

SIMANKE, R. T. (2010). "Realismo e antirrealismo na interpretação da metapsicologia freudiana". In: *Natureza Humana – Revista de Filosofia e Psicanálise*, v. 11, n. 1, p. 97-152.

_____. (2005). "Nem filósofo, nem antifilósofo: notas sobre o papel das referências filosóficas na construção da psicanálise lacaniana". In: *Natureza Humana – Revista de Filosofia e Psicanálise*, v. 7, n. 1, p. 9-58.

Revista digital: www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos

This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.